

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
UNIDADE ACADÊMICA DE GARANHUNS - UAG
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS

JADSON BRITO DE LIRA

CONTOS NEGREIROS: O PERSONAGEM NEGRO DE MARCELINO FREIRE

GARANHUNS

2018

JADSON BRITO DE LIRA

CONTOS NEGREIROS: O PERSONAGEM NEGRO DE MARCELINO FREIRE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras, pelo Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco – Unidade Acadêmica de Garanhuns.

Orientador: Prof.º Dr. Sávio Roberto Fonsêca de Freitas

GARANHUNS

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Biblioteca Ariano Suassuna, Garanhuns-PE, Brasil

L768c Lira, Jadson Brito de
Contos Negreiros: o personagem negro de Marcelino Freire
/ Jadson Brito de Lira. – 2018.
50 f. : il.

Orientador: Sávio Roberto Fonsêca de Freitas
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) –
Universidade Federal Rural de Pernambuco, Departamento de
Letras, Garanhuns, BR-PE, 2018.

Inclui referências

1. Literatura brasileira 2. Negros na literatura 3. Contos
brasileiros I. Freitas, Sávio Roberto Fonsêca de, orient. II.
Título

CDD B869

JADSON BRITO DE LIRA

CONTOS NEGREIROS: O PERSONAGEM NEGRO DE MARCELINO FREIRE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras, pelo Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco – Unidade Acadêmica de Garanhuns.

Data da aprovação: ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Prof.º Orientador Dr. Sávio Roberto Fonsêca de Freitas - UAG/UFRPE

1º Examinador

2º Examinador

Dedico à Deus, à minha família, aos amigos,
bem como a todos que acreditam ser a
educação um caminho para melhoria deste
mundo.

AGRADECIMENTOS

Ao Deus todo poderoso por ter me dado esta oportunidade de estudar e de concluir este curso que abrirá novos caminhos na minha vida.

A todos da minha família, em especial meus pais, irmãos, esposa e filhos pela paciência durante toda a jornada deste curso, estando sempre me apoiando, me incentivando a seguir em frente.

Aos professores do curso, que com maestria nos passaram conhecimentos eternos.

Ao professor orientador, Dr. Sávio Roberto Fonsêca de Freitas, pela sua paciência e dedicação na elaboração deste trabalho, principalmente nos momentos de grandes dificuldades.

Aos colegas de turma pelo incentivo e apoio, especialmente os amigos Gilson Alves, José Roberto e Guilherme Araújo.

Enfim, a todos os que contribuíram direta ou indiretamente para a conclusão deste trabalho.

“Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele ou por sua origem, ou sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender. E se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar, pois o amor chega mais naturalmente ao coração humano do que o seu oposto”.

(Nelson Mandela - Ex-Presidente da África do Sul)

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a ficção curta de Marcelino Freire, *Contos Negreiros*. Teve ainda o propósito de demonstrar o perfil literário de Marcelino Freire, bem como verificar o viés do personagem negro na obra *Contos Negreiros* e visualizar as contribuições sociais da obra “*Contos Negreiros*” para a literatura brasileira contemporânea. Para isto recorreu-se à pesquisa bibliográfica, buscando tecer uma compreensão acerca do tratamento direcionado ao negro na literatura brasileira a partir de uma indagação - quais as principais contribuições sociais e questionamentos raciais do personagem negro na obra *Contos Negreiros*? Antes de analisar o viés do personagem negro na premiada obra do autor pernambucano, fez-se necessário apresentar o perfil biográfico do escritor, as inquietações sociais, influências e produção literária. Neste sentido, a monografia, *Contos Negreiros: o personagem negro de Marcelino Freire* tem por objetivo demonstrar as contribuições sociais e questionamentos raciais da obra *Contos Negreiros*, 2005, para a literatura brasileira contemporânea.

Palavras-chaves: Literatura Brasileira Contemporânea. Marcelino Freire. Personagem negro na literatura.

ABSTRACT

This research aims to analyze the short fiction of Marcelino Freire, *Contos Negreiros*. He also had the purpose to demonstrate the literary profile of Marcelino Freire, as well as to verify the bias of the black character in the work *Contos Negreiros* and to visualize the social contributions of the work "*Contos Negreiros*" for contemporary Brazilian literature. For this we resorted to the bibliographical research, seeking to understand the treatment directed to the black in the Brazilian literature from an inquiry - what are the main social contributions and racial questions of the black character in the book *Contos Negreiros*? Before analyzing the bias of the black character in the award-winning work of the author from Pernambuco, it was necessary to present the biographical profile of the writer, social concerns, influences and literary production. In this sense, the monograph, *Contos Negreiros: the black character of Marcelino Freire*, aims to demonstrate the social contributions and racial questions of the work *Contos Negreiros*, 2005, for contemporary Brazilian literature.

Keywords: . Contemporary Brazilian Literature. Marcelino Freire. Black character in literature.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Capa do livro Contos Negreiros	49
--	----

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	MARCELINO FREIRE: UMA NOVA CONTRIBUIÇÃO PARA A LITERATURA BRASILEIRA.....	15
2.1	Perfil biográfico de Marcelino Freire.....	16
2.2	Aspectos das obras de Marcelino Freire.....	20
2.3	Agitador Cultural.....	22
2.4	O Negro na obra de Marcelino Freire.....	24
3	CONTOS NEGREIROS: UMA ANÁLISE DO PERSONAGEM NEGRO NA OBRA.....	30
3.1	O personagem negro em sete cantos.....	31
3.2	Principais contribuições sociais e questionamentos raciais contidos na obra “<i>Contos Negreiros</i>”.....	43
4	CONSIDERAÇÕES.....	46
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	48

1 INTRODUÇÃO

Os portugueses quando chegaram ao Brasil trouxeram consigo a prática de comercialização de escravos negros, escravizando-os em seus países natos no continente africano, transportando-os em condições precárias em viagens marítimas, em transportes conhecidos como *navios negreiros*. Essa prática foi realizada até o ano de 1888, quando a escravatura no país foi abolida. Com a liberdade os negros libertos não tiveram garantias de emprego, saúde ou educação, ficando marginalizados na sociedade brasileira. Com essa exclusão social os estereótipos preconceituosos e o discurso de inferioridade racial foram intensificados e difundidos de maneira acintosa, objetivando o isolamento racial. A herança dos estereótipos preconceituosos e a exclusão racial do negro ainda persistem na sociedade atual. Marcelino Freire em sua produção literária, *Contos Negreiros*, 2005, expressou em seus personagens negros as consequências dessa mazela social que insiste em existir na sociedade brasileira contemporânea.

Os estereótipos preconceituosos para com o negro na sociedade brasileira persistem, excluindo-os e marginalizando-os do mercado de trabalho, dos bairros nobres e da política, mesmo que o negro represente maioria da população brasileira, de acordo com informação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE. Em notícia disponível no site do IBGE, datada de 24 (vinte e quatro) de novembro de 2017, as pessoas que se autodeclararam negras ou pardas no país, crescem, como apontam a matéria digital: “A pesquisa mostra que, entre 2012 e 2016, a participação percentual dos brancos na população do país caiu de 46,6% para 44,2%, enquanto a participação dos pardos aumentou de 45,3% para 46,7% e a dos pretos, de 7,4% para 8,2%”. Mesmo com esses dados o racismo no país ainda persiste, Ribeiro (1995, p. 225), conceitua:

A característica distintiva do racismo brasileiro é que ele não incide sobre a origem racial das pessoas, mas sobre a cor de sua pele. Nessa escala, negro é o negro retinto, o mulato já é o pardo e como tal meio branco, e se a pele é um pouco mais clara, já passa a incorporar a comunidade branca. Acresce que aqui se registra, também, uma branquização puramente social ou cultural. É o caso dos negros que, ascendendo socialmente, com êxito notório, passam a integrar grupos de convivência dos brancos, a casar-se entre eles e, afinal, a serem tidos como brancos. (RIBEIRO, 1995, p. 225).

Assim, percebe-se, de acordo com o sociólogo brasileiro, como é desenvolvido o racismo na sociedade brasileira. Em relação à exclusão e marginalização do negro, sobretudo a luta contra a pobreza, Ribeiro (1995, p. 226) discorre que “O aspecto mais perverso do racismo assimilacionista é que ele dá de si uma imagem de maior sociabilidade, quando, de fato, desarma o negro para lutar contra a pobreza que lhe é imposta, e dissimula as condições de terrível violência a que é submetido.”

Os contos selecionados com personagens negros da obra de Marcelino Freire, *Contos Negreiros*, apresenta o preconceito racial que vivem os negros marginalizados da sociedade brasileira contemporânea. Neste sentido, Duarte (2017, p.13), explana que: “O autor, que é branco, de fato não sabe como é estar no lugar de um negro. Contudo, demonstra ser um grande pesquisador e, apesar de não ter sofrido racismo, sofreu preconceitos por ser nordestino, homossexual e de família pobre.” Característica marcante da obra do escritor pernambucano, Marcelino Freire, que é escrever sobre os marginalizados da sociedade brasileira, Maingueneau (2001, p.09) explana:

[...] a expressão literatura marginal se disseminou, no cenário cultural contemporâneo, para caracterizar a produção dos autores que vivenciam situações de marginalidade (social, editorial e jurídica) e estão trazendo para o campo literário os termos, os temas e o linguajar igualmente “marginais”. (MAINGUENEAU, 2001, p.09)

Sendo um dos representantes deste estilo, o escritor constrói o personagem negro em sua obra com realismo e apresenta a angústia, frustração e anseios desses protagonistas perante a sociedade brasileira.

Diante disso, percebe-se que o preconceito racial e a marginalização do negro ainda são frequentes na sociedade brasileira, mesmo os negros e pardos serem maioria populacional e a Constituição Federal condenar o racismo e o preconceito de origem e raça. Assim, fica notabilizada a importância do tema abordado nesta monografia, uma vez que é necessário conscientizar a sociedade da importância histórica e social do negro na formação do país, bem como evidenciar os sofrimentos do negro que fora escravizado, humilhado e depois marginalizado socialmente no país, exclusão esta que é vivenciada na atualidade pelos negros e representada na obra de Marcelino Freire, *Contos Negreiros*. Assim, percebe-se que o debate e contribuição intelectual com o objetivo de conscientizar e elucidar a marginalização social do negro é importante para tornar uma sociedade livre, justa e solidária, erradicando a pobreza e a marginalização, reduzir as desigualdades sociais e regionais, objetivo fundamentais destacados na Constituição Federal. Sendo assim, essas inquietações

apresentadas e realçadas na citação de Darcy Ribeiro é que justifica a importância deste estudo, que analisará os personagens negros da obra de Marcelino Freire, *Contos Negreiros*. Analisando as angústias, as frustrações e os anseios do personagem negro excluído na sociedade, observando o ambiente social, os estereótipos preconceituosos tratados nos contos, a violência social ao qual são submetidos os personagens negros moradores das comunidades carentes tratados nas narrativas. Bem como a observação de como é tratado o personagem negro em uma obra literária atual, assim por dizer, o estilo da linguagem adotada, a percepção temporal e a denúncia social do autor.

De acordo com Souza e Pavão (1977, p.1) o papel da literatura é representar uma sociedade em todos seus aspectos, principalmente o momento histórico contemporâneo do autor. Assim sendo, o escritor pernambucano, Marcelino Freire, retrata em *Contos Negreiros* o cotidiano e dilemas dos marginalizados, sobretudo, o negro pobre e excluído. Partindo disso, a monografia ora apresentada tem como tema: Contos Negreiros: o personagem negro de Marcelino Freire. Sendo assim, a problemática tratada é a seguinte: quais as principais contribuições sociais e questionamentos raciais do personagem negro na obra *Contos Negreiros*? Desse modo, a metodologia utilizada para a busca da resposta para tal questionamento vem de uma pesquisa bibliográfica, embasada em pesquisadores renomados; bem como a análise do livro *Contos Negreiros*, a leitura de artigos acadêmicos e entrevistas do escritor Marcelino Freire disponíveis nas plataformas digitais.

Nesta vertente, o objetivo geral desta monografia é demonstrar as contribuições sociais e questionamentos raciais da obra *Contos Negreiros*, 2005, para a literatura brasileira contemporânea. Neste sentido, os objetivos específicos são: demonstrar o perfil literário de Marcelino Freire; verificar o viés do personagem negro na obra *Contos Negreiros*; visualizar as contribuições sociais da obra “*Contos Negreiros*” para a literatura brasileira contemporânea.

Este estudo é dividido em quatro capítulos: o primeiro capítulo trata da introdução, na qual são apresentadas a justificativa para a análise da obra “*Contos Negreiros*”, a metodologia da pesquisa e os capítulos que serão desenvolvidos os temas; o segundo capítulo, intitulado de Marcelino Freire: uma nova contribuição para a literatura brasileira, tem como objetivo evidenciar as principais características do premiado autor pernambucano, Marcelino Freire, percorrendo sobre o seu perfil biográfico, apresentando fatos pontuais e decisivos para a sua carreira como escritor, bem como as principais características literárias contidas em suas obras e suas principais influências na literatura. Foi analisado também a sua dedicação em difundir a literatura brasileira contemporânea e como ele desenvolve o personagem negro em

sua obra; o terceiro capítulo da monografia, intitulado de Contos Negreiros: uma análise do personagem negro na obra, que tem como propósito realizar uma análise do personagem negro na obra literária em questão, ainda tem como objetivo dissertar sobre as contribuições sociais e os questionamentos raciais contidas em cada narração com personagens negros na obra de Marcelino Freire.

No quarto e último capítulo da monografia será abordada a conclusão, apresentando as considerações finais e os resultados do que foi tratado em todos os capítulos, respondendo, assim, a questão problematizada.

2 MARCELINO FREIRE: UMA NOVA CONTRIBUIÇÃO PARA A LITERATURA BRASILEIRA

Muita coisa aconteceu nas últimas décadas, o mundo se globalizou em níveis exponenciais, problemas e revoltas sociais ficaram mais evidenciados do que em tempos passados, sendo noticiados em intervalo vertiginoso, por meio da televisão ou em páginas virtuais. A tecnologia evoluiu e muito, bem como o mundo e seus dilemas, que passaram a ser internalizados. *Bullings*, violência contra a mulher, violência social, terrorismo, racismo, fanatismo religioso e exclusão social são alguns dos muitos dilemas sociais debatidos na atualidade. Logo, percebe-se a grande quantidade de temas para desenvolver na literatura contemporânea.

Em discurso de abertura da Feira do Livro de Frankfurt, em 2013, evento do qual o Brasil participou como convidado de honra, Luiz Ruffato chamava a atenção para a imagem paradoxal projetada pelo país no exterior. Segundo o escritor mineiro,

[...] ora o Brasil surge como uma região exótica, de praias paradisíacas, florestas edênicas, carnaval, capoeira e futebol; ora como um lugar execrável, de violência urbana, exploração da prostituição infantil, desrespeito aos direitos humanos e desdém pela natureza. (RUFFATO, 2013)

Neste sentido, são evidenciados os problemas sociais incrustados na sociedade brasileira contemporânea, apesar de sua beleza natural. Problemas esses que geram reflexões nas obras literárias dos escritores atuais.

Os espaços para publicações aumentaram, para discutir e ampliar os conhecimentos, bem como denunciar e esclarecer demandas pertinentes à literatura. Sendo assim, Dalcastagnè desenvolve:

Para isso é preciso dizer, em primeiro lugar, que o campo literário brasileiro ainda é extremamente homogêneo. Sem dúvida, houve uma ampliação de espaços de publicação, seja nas grandes editoras comerciais, seja a partir de pequenas casas editoriais, em edições pagas, *blogs*, *sites* etc. Isso não quer dizer que esses espaços sejam valorados da mesma forma. Afinal, publicar um livro não transforma ninguém em escritor, ou seja, alguém que está nas livrarias, nas resenhas de jornais e revistas, nas listas dos premiados dos concursos literários, nos programas das disciplinas, nas prateleiras das bibliotecas. Basta observar quem são os autores que estão contemplados em vários dos itens citados, como são parecidos entre si, como pertencem a uma mesma classe social, quando não tem as mesmas profissões, vivem nas mesmas cidades, tem a mesma cor, o mesmo sexo. (DALCASTAGNÈ, 2003, p.14)

Assim sendo, percebe-se que ser um escritor literário é muito mais do que publicar um livro, ser denominado um escritor literário implica em valorar a reflexão sobre o real, a reconstrução da linguagem, a plurissignificação e a intangibilidade da organização linguística. Ou seja, coerência na escrita e na temática proposta.

O progresso tecnológico e social é evidente, apesar da existência de exclusão social imposta ao desfavorecidos, todavia os estereótipos negativos para com os negros persistem com o tempo. Nesse contexto, a literatura luta para superar todos esses preconceitos raciais. São vários os literatos dedicados a combater esses estereótipos e conscientizar a sociedade em relação a esses preconceitos. Centro desta monografia, Marcelino Freire é um desses literatos pertencente a esta corrente literária brasileira contemporânea.

2.1 Perfil biográfico de Marcelino Freire

A biografia do autor brasileiro, Marcelino Juvêncio Freire, disponíveis nas páginas virtuais *eBiografia* e Marcelino Freire|Ossos dos Ofídios apresentam o local de nascimento na cidade de Sertânia, em Pernambuco, no dia 20 de março de 1967. Dois anos depois sua família foi morar em Paulo Afonso, na Bahia, onde permaneceram durante seis anos. Em 1975 retornam para Pernambuco e se instalam na cidade do Recife.

Na década de 1980 o futuro literato trabalhou em uma instituição bancária, cursou a graduação de Letras na Universidade Católica de Pernambuco, sem concluí-la. Em 1981 morando na capital pernambucana, o autor começou sua vida literária, produzindo textos, fazendo teatro e integrando movimentos literários com artistas e escritores do Recife, entre eles, Pedro Paulo Rodrigues, Adrienne Myrtes e Denis Maerlant, sendo crucial para a sua formação artística.

Em entrevista conduzida por Sarah Teófilo, publicada no Jornal Opção, Goiânia, de 2 (dois) de fevereiro de 2015 (dois mil e quinze), disponível na página virtual, *Tiro de Letra*, foi indagado “*Quando começou a escrever?*”, então Marcelino Freire responde:

- As primeiras poesias que fiz foi aos 10 anos, imitando Manoel Bandejas. Foi o primeiro poeta que li na minha vida. Enquanto meus irmãos andavam de bicicleta, eu estava imitando o Manoel Bandejas, movido pela sua melancolia. Eu queria muito ser tuberculoso como ele. Ficava querendo as doenças para mim. Eu não tinha saúde para dar para ninguém. Não sabia jogar bola. Mas aí eu descobri que era muito importante na minha casa. Eu escrevia as cartas. Gostava muito de ler, então lia a Bíblia para minha mãe, as bulas de remédio. Eu tinha uma utilidade na minha casa, e era muito respeitado por isso. O primeiro lugar que fui respeitado como escritor foi em casa.

Percebe-se que o escritor descobriu sua vocação para a literatura muito cedo, aos 10 (dez) anos de idade, e confia que sua casa foi o primeiro lugar onde foi respeitado como escritor, além de ter como referência o poeta brasileiro Manuel Bandeira. O escritor relata que sua mãe foi a grande incentivadora, mesmo com a dificuldade financeira incentivava os filhos a estudarem, além de migrarem de cidade objetivando oportunidades para os filhos. Neste sentido, o escritor relata:

- Minha mãe dizia, quando a gente saiu de Sertânia, “estude, estude, estude para ser gente”. E a gente começou querendo estudar tudo. A gente estudava bastante. Eu e os três mais novos, fomos os que conseguiram estudar. Os mais velhos não terminaram o primário nem nada.

Assim, ficam constatadas as origens para iniciação do autor na literatura brasileira, seus incentivos, suas influências e o apoio familiar para seu empreendimento.

Em entrevista realizada por Aloisio Milani e Sergio Cohn em 5 (cinco) de fevereiro de 2010 (dois mil e dez) e disponível na página virtual, *Tiro de Letra*, o autor respondeu quando foi o momento determinante para sua carreira como escritor brasileiro, vê-se abaixo:

Escrevia e participava de grupos de poesia. Fiz curso de letras, mas não terminei. E tinha um amigo que sempre me chamava para vir para São Paulo. Eu dizia: “Ah, o que eu vou fazer em São Paulo?”. Eu trabalhava em um banco como revisor de textos, era uma carreira no banco que estava se apresentando, eu fui office boy, escriturário, revisor. Mas eu disse: “Não quero banco. Cadê o Manuel Bandeira, cadê minha poesia, cadê os escritores dessa cidade?”. E aí eu deixei o banco e passei dois anos conhecendo os escritores do Recife: Raimundo Carrero, Ronaldo Correia de Brito, Wilson Freire. Eu fui conhecer todos eles e fazer cursos, encontrar esses escritores na cidade, esses artistas, poetas. Quando o dinheiro acabou, aceitei o convite de vir para São Paulo.

Destarte, ficam evidenciadas as circunstâncias e as atitudes determinantes para que o atual escritor brasileiro, Marcelino Freire, inicia-se a sua premiada carreira literária como contista. Nos anos subsequentes produziu muito para a literatura nacional, abaixo são elencadas suas principais contribuições para o cenário literário nacional.

- a) Em 1991, mudou-se para a cidade de São Paulo. Essa mudança foi crucial para o seu estilo literário. Neste sentido, o autor fala que “A minha vinda para São Paulo foi determinante para o que há de urbano e caótico no que eu escrevo.”. Sobre a mudança de cidade completa que “[...] essa de eu sair de minha terra e enfrentar uma cidade diferente, fria, grandiosa.”.

- b) Em 1995 publicou de forma independente seu primeiro livro de aforismos intitulado “*AcRústico*”.

Em entrevista disponível na página virtual *Vacatussa*, datada de 17 (dezessete) de julho de 2014, o escritor pernambucano explica sobre a obra:

Aliás, em *acRústico* há contos do Eme que eu reaproveitei. Alguns contos do *acRústico* eu reaproveitei em livros como *Contos Negreiros*. Sim, meu estilo cantado, cordelizado, gritado, já estava nesses dois livros primeiros. Eu só fui, com o tempo, maturando o ritmo, a pegada...Esses dois livros foram importantes para eu tirar os contos da gaveta, apostar, aos poucos, na minha voz.

Percebe-se nessas obras iniciais do premiado contista brasileiro, o estilo literário que o consagrou.

- c) Em 1998 publicou “*EraOdito*”. Sobre a obra comentou: “Eu sempre quis escrever um livro assim, sem rumo e sem prosa, um livro em que eu só fizesse transcrever, transferir frases que não são minhas para o meu domínio – público e popular”.

Em entrevista disponível na página virtual *Vacatussa*, datada de 17 (dezessete) de julho de 2014, o escritor pernambucano explica sobre a obra:

O *eraOdito* é o meu livro mais concretista do Agreste. Aliás, em todos os meus livros eu faço a brincadeira que fiz no *eraOdito*, essa coisa de deslocar as frases, reinventar os lugares-comuns, etc. Sem contar que o *eraOdito* foi quem deu nome ao meu primeiro blog. Adoro esse livro.

O escritor expõe sua opinião sobre a produção de seu livro “*EraOdito*”, explorando as temáticas e estilo que trabalharia em obras futuras.

- d) Em 2002, publicou o livro de contos “*Angu de Sangue*”. Nesse mesmo ano, idealizou e editou a “*Coleção 5 Minutinhos*”, inaugurando com ela o selo “*eraOdito editOra*”.
- e) Em 2004, organizou a antologia de microcontos “*Os Cem Menores Contos Brasileiros do Século*”. Participou de várias antologias no Brasil e no Exterior.

- f) Em 2005 publicou “*Contos Negreiros*”, que recebeu o Prêmio Jabuti de Literatura, de 2006. Publicou “*Rasif – Mar Que Arrebenta*” (2006). Criou a “*Balada Literária*”, evento que, desde 2006, reúne escritores, nacionais e internacionais, no bairro paulistano da Vila Madalena.
- g) Seu primeiro romance “*Nossos Ossos*” foi publicado em 2013. Nesse mesmo ano, o livro foi publicado na Argentina e na França. A obra ganhou o Prêmio Machado de Assis, 2014, de Melhor Romance pela Biblioteca Nacional. Foi uma das finalistas do Prêmio Jabuti de Literatura de 2014, na categoria romance.

Sobre a temática abordada em seu primeiro romance, *Nossos Ossos*, segue a das obras anteriores, isto é, os temas marginalizados e o caráter “vexatório” e agressivo, como o próprio autor define sua escrita. Perguntado sobre a obra em entrevista a página virtual, *Livre Opinião*, datada de 17 (dezessete) de abril de 2014, o autor declara:

[...] é uma história de preocupação com o outro, de amizade, solidariedade. É uma história de amor. Um dramaturgo que passa a se preocupar não mais com o corpo vivo de um michê, com quem ele saía, mas com o corpo morto do rapaz, que precisa ser resgatado do IML. Eta danado! Qualquer semelhança com a minha história é, sim, autopornográfica. Sei onde meti minha “costela” em cada uma das passagens e paisagens dessa saga gay.

Como é percebido na declaração do autor em entrevista, percebe-se a coerência temática e o respeito ao seu posicionamento ideológico tratado em toda a sua carreira literária conhecida.

- h) Em 2016 foi lançado o livro “*Olhar Paris*”, organizado por Leonardo Tonus, que reúne contos, crônicas e poemas de 21 autores, entre eles está Marcelino Freire.

O autor é um dos integrantes do *coletivo EDITH*, pelo qual lançou o livro de contos “*Amar É Crime*” (2011). O escritor já marcou presença em antologias no Brasil e no Exterior, entre elas: “*Geração 90*” (2001), “*Os Transgressores*” (2003), “*Je Suis Favela*” (2011, França) e “*Je Suis Toujours Favela*” (2014, França).

Entende-se, desta forma, a importância, contribuição e dedicação do autor em expor sua visão artística. Porém, é necessário entender os aspectos principais da obra do escritor pernambucano.

2.2 Aspectos das obras de Marcelino Freire

Não há uma data precisa para definir o início da literatura brasileira contemporânea, bem como não existe uma previsão para o fim, diferentemente do que ocorreram em períodos literários anteriores. Os critérios estéticos das obras são distintos, todavia a violência e a escrita agressiva são alguns traços estilísticos constatados na maioria das obras atuais.

Em entrevista concedida ao programa *Estação Plural*, 11 (onze) de novembro de 2017 (dois mil e dezessete), Marcelino Freire expressou sua inquietação pela escrita, "Eu escrevo para me vingar. Para me vingar de um amor que não deu certo, de um governo que não vai bem. É uma inquietação, uma não-conformação. As coisas me afetam e eu tenho que colocar isso na minha escrita", disse. Deduz-se, a partir da declaração, a liberdade do autor em expressar os desconfortos identificados ao seu entorno, e suas principais temáticas. O autor dedica-se a maioria de seus contos a temas como sexualidade, racismo, violência, homossexualidade, tragédia, prostituição, pedofilia e tráfico de órgão, isto é, uma abordagem do "submundo", assim declara o autor. Na maioria dos contos o ambiente são os grandes centros urbanos.

De acordo com Antônio Candido (1987), o escritor de contos:

[...] agride o leitor pela violência, não apenas dos temas, mas dos recursos técnicos — fundindo ser e ato na eficácia de uma fala magistral em primeira pessoa, propondo soluções alternativas na sequência da narração, avançando as fronteiras da literatura no rumo duma espécie de notícia crua da vida (CANDIDO, 1987, p. 255).

Em entrevista conduzida por Sarah Teófilo, publicada no Jornal *Opção*, Goiânia, de 2 (dois) de fevereiro de 2015 (dois mil e quinze), disponível na página virtual, *Tiro de Letra*, o autor define sua maneira de escrever da seguinte forma:

Eu costumo dizer que eu escrevo vexames. Eu dou vexame na hora que eu estou escrevendo. Então, quando eu dou aquelas paradinhas, é para deixar as frases um pouco mais tomadas de agonia, de fôlego, e para não ficarem comportadas. Percebo que, em algum momento, eu tenho que parar a frase para não ficar mais gramatical do que artístico. Eu procuro sempre escrever a pulsação artística daquela frase. Por isso, você não vê frases tão longas, com muitas conjunções. É muito difícil eu usar uma conjunção. Raramente uso um advérbio. Eu escrevo tentando encontrar a pulsação da palavra. E muitas vezes, quando eu paro, é porque percebo que a palavra precisa ser tomada por mais agonia. Aperreio, desespero. Eu escrevo dando vexame. Você percebe que meus personagens falam muito pelos cotovelos. As almas dos

meus personagens falam pelos cotovelos. Eu escrevo agoniado. Escrevo porque não me contenho, não me aguento.

Após a leitura da afirmação, percebe-se a preocupação do escritor em expressar de maneira mais artística do que gramática, mexendo com os sentidos do leitor. Fica evidenciado também o desejo de impactar o leitor com as narrações, seja pela forma vexatória de escrever, seja pelo tema abordado.

Desta forma, percebe-se o estilo do autor em produzir suas obras, ou seja, o desejo que sua escrita esteja muito próxima da realidade de seu público, uma vez que o narrador é o mesmo que sofre, utilizando-se de discurso direto para se expressar. Algumas correntes históricas defendem as origens do gênero literário, “*conto*”, como advindas das tradições orais de narrar mitos, lendas e parábolas pelos povos antigos. Percebe essa definição é visível na obra de Marcelino Freire, ou seja, a oralidade, uma vez que o narrador parece estar em uma conversação íntima com o leitor que o faz apenas ouvir suas narrações angustiantes. Em uma entrevista disponível na página virtual do UOL, no dia 24 (vinte e quatro) de julho de 2015, o escritor pernambucano discorre sobre a oralidade presente em suas produções:

A oralidade é muito presente no que faço, muito pelo fato de ser sertanejo, pernambucano e escrever no improviso. Não sou músico, mas faço algo meio cordelizado, meio musical, meio maracatu. Não há dúvida de que ganha uma força de leitura, de fala.

Ainda neste sentido, Baldan (2011) conceitua:

Como escolha e técnica enunciativa, a oralidade marca a cessão da voz narrativa, em discurso direto, aos personagens enfocados em cada conto, numa espécie de dramatização radical: a voz que narra é a mesma que sofre (em todos os sentidos) o narrado. Mesmo quando o narrador opta pela terceira pessoa, procurando um certo distanciamento do narrado, acaba por se render à focalização interna e misturar as vozes narrativas, numa clara adesão ao discurso do outro. (BALDAN, 2011, p. 73)

Assim, são observadas as principais técnicas utilizadas para produzir os contos que o consagraram, isto é, a enunciação, oralidade e discurso direto na escrita.

Marcelino Freire é conhecido na literatura brasileira como contista, devida a sua dedicação a esse gênero literário, muito por causa de sua brevidade, o que facilita a leitura para os leitores que não possuem muito tempo para a leitura.

Todavia, é importante conceituar o gênero literário denominado “conto”, Fiorussi (2003), define como sendo:

Um conto é uma narrativa curta. Não faz rodeios: vai direto ao assunto. No conto tudo importa: cada palavra é uma pista. Em uma descrição, informações valiosas; cada adjetivo é insubstituível; cada vírgula, cada ponto, cada espaço – tudo está cheio de significado. [...] (FIORUSSI, 2003. p.103)

Esse gênero explorado e que consagrou Marcelino Freire, tende a ser desenvolvido com a premissa básica de ir direto ao ponto, uma leitura corrida.

Em uma das entrevistas disponíveis na página virtual Biblioteca Pública do Paraná, 2014, o escritor pernambucano discorre sobre o porquê ter demorado em produzir um romance:

Rapaz, de fato eu prefiro dormir a escrever. O problema do romance continua sendo este — a gente escreve um primeiro capítulo e vai dormir pensando no segundo. É um gênero que carece de paciência e disciplina. Tive de encontrar isso em mim. Consegui agora, a duras penas, creio, depois de ter abandonado, no buraco negro do meu computador, várias tentativas de romance. Encontrei um jeito de levar o fôlego adiante. Meus contos são gritos. Eu quero logo despachá-los. Na feitura do romance, entrei mais calmo, silencioso. Escrevi primeiro à mão, depois fui digitando, sem pressa. Trata-se de uma história policial e isso facilitou a caminhada — escrever a partir de uma trama armada. É a história de um velho poeta e o assassinato misterioso de um michê com o qual ele saía. Eu me diverti, me animei com o jogo, não precisei, digamos, perder o sono.

O romance em questão foi intitulado de *Nossos Ossos* (2013). Assim, fica evidenciada a preocupação do autor em escrever uma obra longa, isto é, a ansiedade para concluir os capítulos, insônia pensando nos próximos capítulos, problemas estes que não são encontrados na produção dos contos. Todavia, o autor mudou de opinião em relação à produção de um romance, logo após a sua conclusão.

2.3 Agitador Cultural

O autor pernambucano é muito participativo na cena literária nacional, além de publicar livros com seus contos e romance, é um incentivador da literatura nos espaços virtuais, sendo ativo nos aplicativos de redes sociais, publicando minicontos em suas contas. Assíduo em palestras, oficinas e feiras literárias no Brasil, foi idealizador de alguns projetos

para promover a literatura. Um de seus projetos em destaque é a *Balada Literária*, sendo criador e curador. Iniciado em São Paulo. Este evento consiste em difundir a literatura de forma descontraída, repleto de atrações que celebra a Arte e suas inúmeras manifestações, acolhendo a todos os amantes da literatura e os contribuidores da literatura, de consagrado a anônimo. O autor define o evento semelhante à festa de apartamento, no qual cada convidado leva algo para contribuir. A cada edição um escritor é homenageado. Na página virtual oficial do evento, *Balada Literária*, lê-se:

Nascida no ano 2006, sempre celebrou a diversidade. Todos os gêneros literários. E sexuais. Uma festa que mistura, provoca, sinaliza. Estreita as distâncias, trazendo criadores e criadoras do Brasil inteiro. Dela já participaram de jovens poetas a críticos consagrados. De grandes nomes da MPB a bandas alternativas. Todo mundo junto.

Sobre as inquietações que motivaram o autor a criar o evento, ele responde essa pergunta em uma entrevista disponível na página virtual, *Revestres*, datada de 22 (vinte e dois) de outubro de 2017.

Eu acho que um evento muito decisivo pra criação da balada foi a Flip – Festa Literária Internacional de Parati. Esse conceito de festa estava fazendo falta à literatura. Uma celebração, quase uma coisa circense, isso faz muito bem. Tem também a Jornada Literária de Passo Fundo, que me inspirou muito. Embora se chame jornada, ela tem um aspecto circense, acontece sob uma lona de circo e fala pra cinco mil pessoas. Então eu disse: “peraí, se existe a Flip, mas falta cerveja”- porque Parati é uma cidade muito cara e tem um momento em que as cervejas acabam – “então eu vou ter que fazer uma festa em que a cerveja não acabe e vai ser lá na Vila Madalena, onde eu moro há 15 anos”. Você vê que a inspiração veio muito mais pela falta de cerveja (risos). A balada é um evento totalmente gratuito, sem credencial, as pessoas ficam ao lado de Raduan Nassar, Antônio Cândido, Caetano Veloso, que foram à festa exatamente porque reconhecem nela esse afeto. Se tem uma coisa que eu me orgulho na Balada é que é um evento feito com muito afeto.

Vê-se a diversidade e o acolhimento que o projeto proporciona ao público literário e uma oportunidade para agitar a cena literária da cidade, despertando interesse de novos artistas.

Outro projeto do escritor pernambucano é o “*Quebras*”, que tem como objetivo percorrer as capitais do Brasil para conhecer, mapear e registrar os colaboradores anônimos da literatura contemporânea brasileira. O projeto teve a parceria do produtor e editor do site *Livre Opinião*, Jorge Filholini. Conheceram poetas, cordelistas, romancistas, contistas, artistas e dramaturgos. Assim, o que o projeto proporciona é uma motivação, agitação, para o desenvolvimento literário local. Em entrevista ao *Correio do Povo*, disponível na página

virtual desde 11 (onze) de setembro de 2015, Marcelino Freire explana sobre o legado das oficinas nas capitais:

Em João Pessoa já tivemos notícias de que o pessoal que fez a oficina está organizando a primeira revista literária com textos que trocaram entre eles durante a nossa passagem pela cidade. O pessoal de Teresina também já está organizando saraus no espaço do Galpão do Dirceu, na intenção de promover o local. Sem contar os poetas que nos avisam do lançamento do primeiro livro deles. E agradecem, sempre, o fôlego que a gente deu.

Assim, revela-se a importância dos projetos desenvolvidos pelo escritor, fomentando a produção literária regional. Neste projeto são gravadas entrevistas com os artistas locais, que são disponibilizadas na página oficial do escritor. Esse desdobramento que o autor nomeia de projeto *Reverbera*.

2.4 O Negro na obra de Marcelino Freire

O escritor pernambucano desenvolve os seus personagens do ponto de vista marginalizado, ou seja, as angústias e os dilemas das pessoas comuns, na maioria dos momentos elas são os próprios narradores. Dando espaço em sua escrita para pessoas que antes não tiveram espaço nas obras literárias. Em uma das entrevistas disponíveis na página virtual Biblioteca Pública do Paraná, o escritor pernambucano discorre neste sentido:

E sempre dizem assim: que eu, no livro *Contos negreiros*, dei voz aos que não têm voz. Detesto essa afirmação. Eu não dei voz para ninguém. Quem sou eu? O Papa Chico? Tô fora... A rua é quem dá a voz à minha literatura o tempo inteiro. Eu vou lá e capturo e compactuo. Escrevo porque não estou surdo...

Percebe-se que autor aprofunda-se no submundo urbano para dar realismo aos seus contos, expondo a fragilidade do ser humano oprimido e marginalizado sob o aspecto social e financeiro da nossa sociedade. Na página oficial, *Tiro de Letra*, o autor, neste mesmo sentido, expõe na entrevista:

Eu sempre digo que pessoas bem-sucedidas não me interessam. Eu não escrevo livros empresarias. Não concordo quando dizem, no entanto, que eu escrevo “para dar voz aos que não têm voz”. Eles têm, sim. Eu coloco o ouvido na rua e ouço. E compactuo. E vou construindo a minha vingança junto com eles.

É nestas afirmações do próprio autor que é percebido a ideologia e a temática na qual se desenvolve a construção literária de seus personagens e ambientes para os seus contos. Narrando através dos personagens de vidas comuns, mas com problemas reais e presentes na sociedade contemporânea. As aflições, as angústias e as mazelas são reveladas pelos protagonistas nas obras de Freire, como desemprego, prostituição, pedofilia, violência, tráfico de órgãos e o preconceito racial.

O escritor pernambucano é branco, não sente literalmente os preconceitos sofridos pelos negros na sociedade, todavia o autor mostra-se um perspicaz pesquisador. Todavia Marcelino Freire sofreu preconceitos por ser nordestino, homossexual e de família pobre. E conhece a sensação de ser julgado.

É de se lamentar que o preconceito racial e as sequelas da escravidão ainda permanecem impregnados na sociedade brasileira. A sociedade internacional e nacional tem uma dívida eterna com o negro, mas ao que tudo indica é que a sociedade nem está preocupada em sanar esse débito. Estereótipos preconceituosos ainda persistem, bem como a marginalização. A memória da sociedade em relação ao negro é o corpo, é a pele e é a ginga, todavia esquecem a covardia, opressão e humilhação vivida por esse povo que fora sequestrado de sua pátria para ser escravo em outra nação, afastando de suas famílias e retirando sua dignidade, não se satisfazendo das atrocidades os dominantes ainda os expõem a degradação, desumanização e marginalização social. As sequelas desse período nefasto persistem até a contemporaneidade. Na premiada obra *Contos Negreiros* (2005), o escritor pernambucano deixa os personagens negros expressarem suas angústias. São seguranças, trabalhadores da construção civil, mulher que vende carne todos os dias e crises existências dos personagens diante dos preconceitos.

A obra é composta de 16 (dezesseis) cantos curtos, prosas poéticas com ritmo e rimas. Revelando a faceta no discurso preconceituoso do povo brasileiro, que às vezes finge desconhecer ou apenas faz reproduzir, bem como a marginalização social ainda sofrida pelo negro.

Diante a marginalização social vivida pelos negros, Lima (2007) explana:

A leitura de *Contos negreiros* é, portanto, muito mais abrangente do que a requerida habitualmente pelo romance brasileiro (sobretudo durante o Romantismo, exceto em raríssimos autores), no qual a classe pobre, principalmente os negros, não ultrapassa a posição de mero componente da verossimilhança do painel social, ou de um adorno “com a única intenção de criar um pouco de colorido” - RABASSA, 1965: 95. (LIMA, 2007, p.159)

Nesta afirmação é perceptível o discurso crítico social presente na obra de Marcelino Freire. É fácil encontrar negros trabalhando nas áreas operárias, cumprindo penas, assassinados, no trabalho informal ou simplesmente desempregados. É difícil de encontrar negros no congresso nacional, cargos de chefia em multinacional ou em cargos estratégicos do governo federal, mesmo a população negra ser maioria no país. Esse contraste social é herança da marginalização social negra criada no mesmo tempo que o nome “Brasil”.

A maneira que o escritor Pernambuco desenvolve suas obras é característica própria, perceptível em sua produção literária. Neste seguimento, Lima (2007) discorre:

Desde seu livro de estréia, *Angu de sangue* (2000), a firmeza e a acidez do discurso narrativo se impõem como características fundamentais. A questão da sobrevivência digna das camadas populares, fixadas sempre sobre o signo do trabalho, dá aos narradores e personagens de Marcelino Freire uma rara feição de autenticidade, pois a miséria social e econômica não resulta na miséria moral dos protagonistas. (LIMA, 2007, p.161)

Nesta citação Lima expõe sua impressão sobre a característica de construção dos personagens das obras de Freire. É uma autenticidade e coerência acompanhada nas obras do escritor, isto é, os personagens vivem na honestidade, todavia as marginalizações históricas ao negro, presentes ainda na atualidade os fazem externar as angústias na dificuldade para sobreviver neste contexto excludente no qual estão inseridos.

A obra do autor é compreendida nos grandes centros urbanos e embasada no realismo social, desenvolvendo objetivamente a temática. Os problemas abordados são injustiças sociais, violência, marginalização social e deterioração da vida frente aos estereótipos preconceituosos. Neste contexto, Lima (2007) explana:

A violência surge interna ao discurso dos marginalizados, que, ao corroer a superficialidade da realidade alienante na qual vivemos, fragmenta a unidade lógica do cânone e dilacera, também, a nós leitores, como que “violentados” pela força impressionante de um canto catártico, cuspidor e inquieto. (LIMA, 2007, p. 163)

Essa característica encontrada na obra do autor pernambucano é proposital, ou seja, causar “vexame”, agredir os governantes com os discursos angustiante dos personagens que representam os desfavorecidos socialmente no país. O medo e desabafo angustiantes estão presentes na obra *Contos Negreiros* (2005), é um protesto contra a marginalização social histórica ao negro.

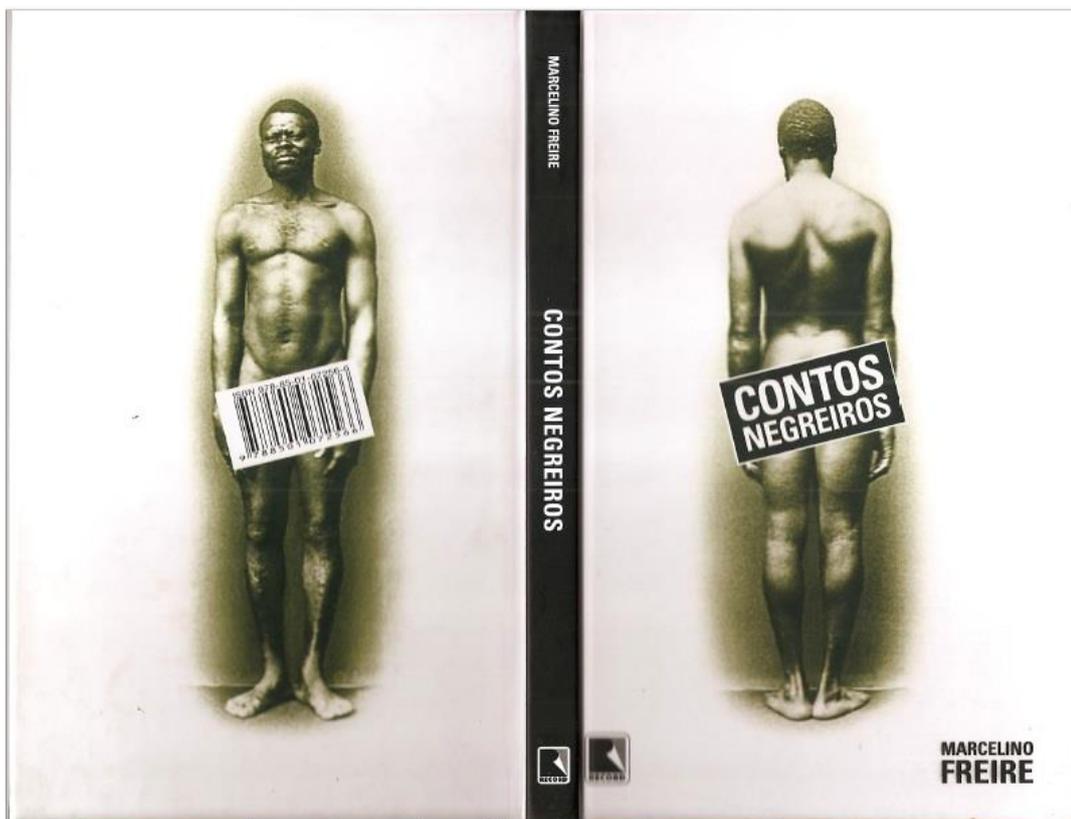
Em entrevista publicada na página virtual, *Vacatussa*, datada em 17 (dezesete) de julho de 2014, o autor brinca “Acho que deram o Jabuti para o *Contos Negreiros* porque estava na hora de premiar Castro Alves. Vivem confundindo *Contos Negreiros* com *Navio Negroiro*.” Em *Navio Negroiro* (1869), Castro Alves escreve o seu poema descrevendo em cantos as condições terríveis em que eram submetidos os africanos nos navios negreiros. Já em *Contos Negreiros* (2005), Marcelino Freire utiliza-se da prosa poética, os textos são com ritmos e rimas para descrever os sentimentos dos negros marginalizados socialmente na sociedade atual. Visível influência literária. Na entrevista disponível na página virtual do UOL, no dia 24 (vinte e quatro) de julho de 2015, o escritor pernambucano discorre sobre essa observação:

Escrevo durante um tempo e vou lá dar uma olhada nos contos pra ver que livro eles estão pedindo. Eu vi que mais do que a temática negra, a temática do preconceito é muito presente no livro. Lembrei imediatamente de *Navio Negroiro* e fui reler Castro Alves, Lima Barreto, Murilo Mendes, Cruz e Sousa, todos que usaram a temática negra. A divisão em cantos é muito colada no *Navio Negroiro*. Não há dúvidas de que foi uma leitura que eu procurei pulsar pra chegar com o livro.

Nesta afirmação, ficam evidenciado as principais influências do autor para a construção de sua obra literária, *Contos Negreiros* (2005).

Marcelino Freire com sua característica, que ele se define como “escrevo vexames”, isto é, ele impacta o leitor. Na obra *Contos Negreiros* (2005) o autor começa a impactar o leitor com a capa do livro. Abaixo segue a figura representativa da capa do livro.

Figura 1: Capa do livro Contos Negreiros



Fonte: *blogger* Entre o Claro e o Obscuro

É perceptível a crítica não verbal realizada pelo autor. Entende-se pela figura acima um homem negro nu virando-se para o exame superficial de um possível comprador. A presença do código de barras, próprios de produtos e objetos industriais, sinaliza o negro como objeto comercial exposto esperando clientes. Assim, o escritor pernambucano faz jus a sua principal característica, que é a de ser incisivo em suas críticas, ser objetivo em sua temática.

Propositalmente o escritor nomeia os personagens da obra *Contos Negreiros* (2005), com nomes de africanos históricos. Essa observação de nomear personagens contemporâneos com nomes históricos motiva o leitor a refletir sobre a marginalização vivida em tempos antigos e a vivida atualmente. Os nomes são os mesmos e a busca por uma vida digna também, porém a marginalização social é continua sendo um obstáculo.

Desta forma, percebe-se a importância que o escritor pernambucano, Marcelino Freire, tem para o cenário literário brasileiro. Suas contribuições vão além da publicação de obras. Vive de literatura. Retrata as angústias e frustrações dos personagens que não tiveram espaço na literatura clássica e consagrada. É um agitador cultural, visitando as capitais mapeando os

movimentos literários encontrados. Idealizador de vários projetos com intuito de difundir a literatura contemporânea marginalizada e consagrada pela crítica. Nos aplicativos de redes sociais publica alguns microcontos. Publica poemas em seu blogger pessoal.

No capítulo seguinte as narrações da obra *Contos Negreiros* (2005) pertinentes a temática racial serão analisados. Observando as críticas contidas nas narrações.

3 CONTOS NEGREIROS: UMA ANÁLISE DO PERSONAGEM NEGRO NA OBRA

A obra de Marcelino Freire, *Contos Negreiros*, que fora publicado nos suportes livro, 2005, e áudio-livro, 2009, garantindo a acessibilidade do seu público. O autor pernambucano deixa os seus personagens exporem seus sentimentos e suas angústias como excluídos socialmente, os preconceitos vivenciados, os sonhos frustrados e as imposições estabelecidas por serem negros. Com uso propositalmente da linguagem coloquial, a pouca utilização de vírgulas em alguns contos, o uso de rimas e interpelações, fortalecendo, assim, a oralidade, quase cantada, de sua prosa poética. Desta forma, o autor deixa evidenciada sua característica que o consagrou.

O autor revela o íntimo dos personagens, expondo seus sonhos, seus medos, suas frustrações e suas angústias. Os estereótipos preconceituosos abordados são os mesmos que persistem ao longo dos anos na sociedade brasileira, o que é novo nesta produção é o fato de que o autor inseriu em seu livro de cantos as narrações das pessoas mais comuns, sem recursos financeiros e sem nenhum prestígio social, com a exceção do estrangeiro alemão, personagem do canto: *Alemães vão à Guerra*. O ambiente, quando mencionado, são os grandes centros, Recife, Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo. Revelando, assim, a grande dualidade presente nessas ricas cidades do país, de um lado pessoas abastada e prestigiada, do outro lado os excluídos, com sonhos e desejos frustrados, violentados diariamente pela falta de perspectiva social por serem negros. Alguns convivendo com a pobreza extrema, que seriam capazes de vender um órgão interno para sair, mesmo que momentaneamente, desta miséria, narrativa abordada no canto: *Nação Zumbi*.

A obra possui poucos cantos e com poucas páginas, porém fora suficiente para expressar o sentimento de angústia de milhões de brasileiros que sofrem com a exclusão social, causada pelo preconceito racial incrustada na sociedade brasileira.

A agressividade presente nos discursos dos personagens das narrações é uma característica própria do autor, que define sua escrita como vexatória. Essa maneira de provocar aliada aos personagens de pessoas comuns atribui uma característica realista em sua produção.

Apesar do realismo, da frustração, da angústia e da falta de expectativas dos personagens nas narrativas, a obra traz esperança para a discussão racial no país, uma vez que sua obra inquieta e provoca a sociedade lembrando que o preconceito racial ainda está presente. Recordando que o negro é um ser humano, que por isso sonha, sofre, chora, frustra-

se, sente medo e deseja. Incentivando o autoconhecimento do negro, para que assim ele possa se orgulhar da negritude presente em seu sangue ou em sua pele. Negritude é definida no Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, como: “1. qualidade ou condição de negro; 2. sentimento de orgulho racial e conscientização do valor e riqueza cultural dos negros.” A definição do dicionário “*Novo Aurélio*”, expõe: “1. estado ou condição das pessoas da raça negra; 2) ideologia característica da fase de conscientização pelos povos negros africanos da opressão colonialista, a qual busca reencontrar a subjetividade negra observada objetivamente na fase pré-colonial e perdida pela dominação da cultura ocidental.”.

Diante deste contexto, verificar-se-á a seguir a análise das narrativas abordando o personagem negro na obra *Contos Negreiros*.

3.1 O personagem negro em sete cantos

O livro *Contos Negreiros* possui 16 (dezesseis) cantos curtos, o autor afirma que nesta obra prosas poéticas. O autor desenvolve vários temas nestas narrações, todavia a maior parte aborda o preconceito racial. A seguir serão analisados os cantos: *Trabalhadores do Brasil*, *Solar dos Príncipes*, *Esquece*, *Alemães vão a Guerra*, *Nação Zumbi*, *Nossa Rainha*, *Meu Negro de Estimação*.

a) Trabalhadores do Brasil

Esta narração é o canto primeiro da obra. É uma produção curta, contendo apenas uma página, poucos parágrafos e poucos sinais de pontuação. O autor utiliza-se de técnicas poéticas para dar ritmo a prosa, por exemplo: “[...] pega ladrão que não respeita quem o ganha o pão [...]”, “[...] 1 passe ou 2 na praça turbulenta do Pelô [...]”, “[...] na lama e isso parece que dá grana[...]”.

O narrador do canto direciona o seu discurso ao seu opressor histórico: “[...] tá me ouvindo bem?”, “Hein seu branco safado?”.

Utilizando-se de recursos para dar ênfase à oralidade, poucos sinais de pontuação e o narrador dialogando com o seu opressor, o texto atribui ritmos com a aplicação de refrão, parte importante repetida nas estrofes da letra de músicas. Na narração há quatro repetições da frase: “[...] tá me ouvindo bem?”. Este canto ganhou uma versão musical, disponível na

plataforma virtual de vídeos, *YouTube*, com o grupo nacionalmente conhecido, originário de Arcoverde, Pernambuco, Cordel do Fogo Encantado.

No monólogo do canto não há certeza de que o narrador seja negro, porém o texto deixa interpretações que sim, passagens como: “[...] ninguém vive aqui com a bunda preta pra cima tá me ouvindo bem?”. O narrador se inclui nesta frase, deixando a entender que ele é negro.

O narrador do texto apresenta diversos subempregos ocupados por negros, como cortador de cana, vendedora de carne, segurança, padeiro, cobrador de ônibus, auxiliar de serviços gerais e prostituição. Esses profissionais são chamados por nomes africanos históricos e de guerreiros Orixás, marcando um contexto simbólico/cultural, tais como: Zumbi, Olorô-Quê, Odé, Tição, Obatalá, Olorum, Ossanhe, Rainha Quelé e Sambongo Bungo. Fazendo isso o autor deixa claro sua inquietação com a desigualdade social, exclusão social e o preconceito racial histórico no país para com os negros, vividos pelos ancestrais e herdado pelas futuras gerações. Os nomes são os mesmo, bem como o preconceito e a exclusão. Criticando incisivamente o modelo social excludente, que impede a ascensão do negro na sociedade, restando apenas os trabalhos inferiores. O canto não referencia o negro ocupando cargos e profissões prestigiadas na sociedade, constituindo-se exceção e não situação comum na sociedade.

O narrador apresenta indignação com a exclusão e o preconceito social histórico que fora vivido e combatido por Zumbi dos Palmares e tantos outros nomes, porém que persiste na sociedade atual. Estereótipos que fazem o narrador se indignar ainda mais e reproduzir agressividade: “[...] ninguém vive aqui com a bunda preta pra cima tá me ouvindo bem?” Frase que externa o sentimento de desaprovação em relação aos estereótipos preconceituosos, pois independente da exclusão social e os estereótipos preconceituosos e persistentes, o negro vai à luta com dignidade, trabalhando nas oportunidades ofertadas pela a sociedade, ou seja, os subempregos e a prostituição. A seguir, vê-se como é desenvolvida a escrita do autor.

Enquanto Zumbi trabalha cortando cana na zona da mata pernambucana Olorô-Quê vende carne de segunda a segunda ninguém vive aqui com a bunda preta pra cima tá me ouvindo bem?

Enquanto a gente dança no bico da garrafinha Odé trabalha de segurança pega ladrão que não respeita quem ganha o pão que o Tição amassou honestamente enquanto Obatalá faz serviço pra muita gente que não levanta um saco de cimento tá me ouvindo bem? (FREIRE, 2005, p. 19)

Neste canto o negro é apresentado como trabalhador braçal.

Angustiado e indignado por ter passado por várias situações preconceituosas e por conhecer o contexto histórico e social sofrido pelo povo negro no Brasil, o narrador desabafa: “Hein seu branco safado?”.

b) Solar dos Príncipes

Esta narração, Canto II, é outro texto curto, composto de quatro páginas e a linguagem se mantém com forte influência oral e com emprego de linguagem coloquial. Neste canto em especial há revezamento de narrador, bem como a alternância de discurso, direto e indireto.

A ideia apresentada na narração expõe um contraste social intrigante, isto é, os documentaristas que filmam o cotidiano nos subúrbios e favelas, no qual vivem os desprivilegiados e excluídos socialmente, são brancos e renomados. Eles gravam a rotina e as intimidades dos moradores, o narrador externa: “A gente abre as nossas portas, mostra as nossas panelas, merda”. Chegam a essas comunidades e são bem recebidos pela população, o narrador desabafa: “A desabafa que nem papagaio. A gente canta, rebola. A gente oferece a nossa coca-cola”. No texto em questão quatro negros e uma negra, desprovidos de recursos financeiros, moradores do Movo do Pavão, desejam fazer o mesmo em um bairro de classe média. Porém são impedidos de realizarem o ofício, devido aos estereótipos preconceituosos.

O canto apresenta um personagem negro que é porteiro de um prédio, conformado com o sistema que estereotipa preconceituosamente o povo negro. Contagiado com essa cultura incrustada na sociedade brasileira desde a formação do país, ele se torna carrasco e vítima, este por está propagando os estereótipos preconceituosos históricos para com o negro, e aquele por está julgando os jovens negros. A seguir é apresentado fragmento do canto, assim, vê-se como é desenvolvida a narração do autor.

Quatro negros e uma negra pararam na frente deste prédio.

A primeira mensagem do porteiro foi: "Meu Deus!" A segunda: "O que vocês querem?" ou "Qual o apartamento?" Ou "Por que ainda não consertaram o elevador de serviço?"

"Estamos fazendo um filme", respondemos.

Caroline argumentou: "Um documentário". Sei lá o que é isso, sei lá, não sei. A gente mostra o documento de identidade de cada um e pronto.

"Estamos filmando."

Filmando? Ladrão é assim quando quer sequestrar. Acompanha o dia a-dia, costumes, a que horas a vítima sai para trabalhar. O prédio tem gerente de banco, médico, advogado. Menos o síndico. O síndico nunca está.

— De onde vocês são?

— Do Morro do Pavão.

— Viemos gravar um longa-metragem.

— Metra o quê?

Metralhadora, cano Longo, granada, os negros armados até as gengivas. Não disse? Vou correr.

Nordestino é homem. Porteiro é homem ou não é homem? Caroline dialogou: "A ideia é entrar num apartamento do prédio, de supetão, e filmar, fazer uma entrevista com o morador." (FREIRE, 2005, p. 23-24)

O conflito neste canto se apresenta entre o porteiro negro e os jovens documentaristas negros. Desta forma, fica escancarada a problemática do canto, pobre contra pobre, trabalhador contra trabalhador e excluído contra excluído. O porteiro desenvolve características de *branquitude*. Este conceito é explanado por Moreira (2012) da seguinte forma:

[...] branquitude é utilizado para dar nome às práticas realizadas por portadores da branquitude com o objetivo de manter o privilégio que o branco possui nas sociedades estruturadas pela hierarquia racial. O branco assume a postura de ser humano ideal e cria condições para que o status seja mantido.

Por este conceito, percebe-se esta característica na postura tímida assumida pelo porteiro. Ou seja, o preconceito racial que detinha a sociedade branca e donos de escravos, que foi herdado pelas gerações seguintes da sociedade brasileira, persistindo até a atualidade, é externado pelo funcionário do prédio. O primeiro sentimento do porteiro ao ver os jovens foi de pânico: "Meu Deus!". O segundo foi de julgá-los como operários: "Por que ainda não consertaram o elevador de serviço?". Ao saber que os jovens estão com o objetivo de cinematografar o cotidiano dos condôminos, o porteiro evoca outro estereótipo preconceituoso, atribuindo aos jovens a característica de ladrão, expressando: "Ladrão é assim quando quer sequestrar. Acompanha o dia-a-dia, costumes, a que horas a vítima sai para trabalhar."

O porteiro contagiado pelo preconceito racial pregado e praticado na sociedade brasileira e disseminado na mídia, distorcendo o discurso dos jovens, longa-metragem entende como metralhadora e microfone como um porrete. Um dos jovens expressa o sentimento em relação à atitude do porteiro: "Esse porteiro nem parece preto, deixando a gente preso do lado de fora."

Neste canto o estereótipo preconceituoso sofrido pelo negro é que ele é perigoso.

Nesse canto fica evidenciada a dualidade presente na sociedade brasileira em relação ao preconceito racial. Quando pessoas brancas vão ao morro com o objetivo de documentar a rotina dos moradores, são considerados profissionais e têm boa recepção. Porém quando

negros originários do morro vão aos bairros nobres são chamados de bandidos e são expulsos com tiros disparados pela polícia.

c) **Esquece**

“Todo camburão tem um pouco de navio negreiro”. O canto é iniciado com uma citação de Marcelo Yuka, um dos fundadores da banda *O Rappa*, cujas letras possuem forte crítica aos preconceitos incrustados na sociedade brasileira. O conto é curto, possuem duas páginas, poucos sinais de pontuação e uso de recursos estéticos que valorizam a oralidade.

O autor abre espaço em sua obra para que um assaltante de semáforos expresse sua definição sobre violência, uma vez que a visão noticiada em jornais impressos e televisivos é opinião da classe média e alta.

É histórica a exclusão social ao negro na sociedade brasileira, resistindo ao longo dos anos no cotidiano da população, alguns se conformam com essa segregação, outros resistem. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE, noticiou que os negros (pretos e pardos) representam 53,6% da população brasileira, isto é, a maioria. Mesmo com esses dados o país ainda sofre com o preconceito racial e a exclusão social ao povo negro.

Como se estivesse expressando para um jornal impresso ou televisivo, o narrador que é negro e assaltante de semáforo desabafa suas angústias frente à exclusão social vivida por ele. “Não entende que se dependesse da gente o roubo não demoraria essa eternidade atrapalhando o movimento da cidade.” Assim, percebe-se que o narrador é um infrator. Vê-se abaixo como o autor aborda o tema em sua narração.

Violência é o carrão parar em cima do pé da gente e fechar a janela de vidro fumê e a gente nem ter a chance de ver a cara do palhaço de gravata para não perder a hora ele olha o tempo perdido no rolex dourado.

Violência é a gente naquele sol e o cara dentro do ar condicionado uma duas três horas quatro esperando uma melhor oportunidade de a gente enfiar o revólver na cara do cara plac.

Violência é ele ficar assustado porque a gente é negro ou porque a gente chega assim nervoso a ponto de bala cuspindo gritando que ele passe a carteira e passe o relógio enquanto as bocas buzina desesperadas.

Violência são essas buzinas e essa fumaça e o trânsito parado e o outro carro que não entende que se dependesse da gente o roubo não demoraria essa eternidade atrapalhando o movimento da cidade.

Violência é você pensar que tudo deu certo e nada deu certo porque quando você vê tem um policial ali perto e outro policial ali perto querendo salvar o patrimônio do bacana apontando para a nossa cabeça um 38 e outro 38 à paisana.

Violência é acabarem com a nossa esperança de chegar lá no barraco e beijar as crianças e ligar a televisão e ver aquela mesma discussão ladrão que rouba ladrão a aprovação do mínimo ficou para a próxima semana. (FREIRE, 2005, p. 31-32)

Em nenhum momento do texto o narrador justifica sua ação, porém, como é sujeito de desejos e sonhos, igual a qualquer ser humano, acredita que violência é não ter condições sociais para sonhar em conseguir comprar carros, relógio de ouro ou estar em um carro com ar condicionado. “Violência é o carrão parar em cima do pé da gente e fechar a janela de vidro fumê e a gente nem ter a chance de ver a do palhaço de gravata para não perder a hora ele olha o tempo perdido no rolex dourado.” Assim, percebe-se a indignação do narrador diante a indiferença sofrida e o sentimento de insignificante socialmente, uma vez que não tem condições sociais para conseguir adquirir os bens materiais alcançados por pessoas ricas.

O narrador expõe sua humanidade ao discorrer que violência é tentar impedi-lo de voltar no fim da tarde para sua casa para rever sua esposa e filhos, e beijá-los. E acompanhar na televisão os políticos roubarem o que ele roubou, explanando: “[...] ligar a televisão e ver aquela mesma discussão ladrão que rouba ladrão a aprovação do mínimo ficou para a próxima semana.”. Esta observação é intrigante, pois o salário mínimo que é atribuído ao país é incapaz de satisfazer as condições sociais de uma família, ou seja, com moradia, alimentação, educação, saúde, lazer, vestuário, higiene, transporte e previdência social. Direitos esses elencados no artigo 6º Constituição Federal de 1988. Afirmer isso e não dá as condições mínimas para que o cidadão alcance esses direitos, configura-se em violência, segundo o narrador.

Outro ponto questionado pelo narrador é a falta de dignidade em que é tratado o infrator negro, diferentemente dos infratores ricos e brancos, no qual recebem resguardo social e físico. O excluído socialmente é exposto perante uma multidão com as mãos para cima e cabeça baixa, lembrando os tempos que no país os escravos eram açoitados em praça pública para ser exemplo aos demais. São espancados e jogados dentro do camburão, que o músico brasileiro lembra que tem um pouco de navio negreiro. Por não possuírem diplomas de nível superior ou foro privilegiado são presos em celas superlotadas e esquecida pela sociedade brasileira e os governantes.

Mas como o narrador acredita que é impossível convencer a sociedade com o discurso, ele termina o canto dizendo: “Esquece”.

Neste canto o narrador expõe suas indignações com a hipocrisia da sociedade, que incentiva o consumo desenfreado e valoriza as pessoas com maior quantidade de bens materiais. Por ser negro sente as dificuldades para evoluir socialmente. Diante disso escolhe assaltar para adquirir bens materiais e se sentir parte da sociedade, ou seja, não ser mais humilhado em praça pública, ter as mesmas condições de comprar bens materiais, não ser colocado em camburão, não ser trancafiado dentro de uma cela lotada com homens.

d) Alemães Vão a Guerra

O canto tem curta narração, duas páginas e recursos estilísticos que valorizam a oralidade. O autor exprime no texto a dificuldade do narrador alemão em pronunciar algumas palavras em português, dobrando o “R” em “salvarria”, “porr”, “negrras”. É desta forma, que o autor destaca o estilo oral presente em sua prosa.

Este canto explora a visão de um estrangeiro sobre o negro, neste caso, um alemão. Ir à guerra é interpretado como o contato físico, isto é, a aproximação corporal. No texto o narrador expõe os seus desejos libidinosos, fantasiando uma mulher mulata exótica.

O texto é um diálogo mantido por telefone entre dois homens que falam sobre a mulher negra, expressando vários estereótipos preconceituosos no discurso. A abordagem empregada na narração pelo personagem configura ciência do interlocutor de que o negro ainda é marginalizado e excluído na sociedade brasileira. O narrador externa sua percepção do país como exótico, carnavalesco e muitas mulatas que desejam sair do país. Isso é perceptível no discurso do narrador, no qual explana: “Nosso dinheiro salvarria, por exemplo, as negrrinhas do Haiti. Barratas como as de Burrundi. Trouxe uma parra aqui, lembrra? Faz tempo que eu trouxe uma parra aqui.”. Assim, o narrador acreditando ser superior ao negro, devido as suas condições privilegiadas, afirma no diálogo que o seu dinheiro salvaria a vida e daria esperança às negras. Pra ele as mulheres negras do Brasil são fáceis para saciarem os desejos sexuais dos estrangeiros, expõe: “É só vestir o calção e a filmadorra. Darr uma piscadela boa.”. O narrador tem consciência de seu preconceito racial, todavia justifica dialogando: “A gente acaba dando educação a esse povo, Johann. E um pouco de esperança.”.

O sequestro do povo negro da África para servir de escravos para os brancos em diversos países do mundo acarretou em uma histórica e duradoura exclusão social e sofrimento, persistentes até a atualidade, principalmente no Brasil. Essa fragilidade social permite ao personagem do canto obter vantagem em seu favor, que é saciar os ímpetos

sexuais. Assim ele declara: “Em todo canto tem. Júpiterr, Marrte. No burraco negros, em toda parrte. Ainda bem. O mundo é dos negros. Alô, Johann. Tem, sim, e estão nos esperando”. Sendo assim, fica perceptível a análise superficial e aproveitadora do narrador, desejando satisfazer as suas fantasias não condizentes com a realidade social.

O autor faz referências sobre as capitais brasileiras, praia do Pina, Recife, Copacabana, Rio de Janeiro e Salvador.

Desta forma, é perceptível o estilo que o autor utiliza-se, aproximando-se da oralidade. Vê-se a seguir fragmento da narração.

Alô, Johann. Johann. Como as negras do Nepal, tem. Das Ilhas Virrgens também. É só irr. Feito as mocinhas da Guiana. Da ppraia do Pina, depois do hotel, é só irr. Prreparra a mala, Johann. Deixa a mala prronta. É só vestirr o calção e a filmadorra. Darr uma piscadela boa. À vista o Redentorr. O marr de Copacabana. Alô, Johann. É só irr, Johann. Alô, Johann. Johann, irr. Nosso dinheirro salvarria, porr exemplo, as negrrinhas do Haiti. Barratas como as negras de Burrundi. Trouxe uma parra aqui, lembrra? Faz tempo que eu trouxe uma parra aqui. Ajudei a prreserrvarr, no meu pescoço os dentes de marrfim. Hoje, ela ganha ensinando ao povarréu de Berrlim. Em Mönchengladbach, dança. Ganha a sorrte no samba. A gente acaba dando educação a esse povo, Johann. E um pouco de esperrança. E herrança, Johann, como aquela que o nosso amigo deixou parra as crrianças. O que seria dela sem mim, Johann, me diz. Eu é que não quis mais aquela infeliz. Pulei forra, como os pobres de Cuba. Abandonei o barrco. Nada mais de jet ski. (FREIRE, 2005, p. 37-38)

Neste canto o estereótipo preconceituoso apresentado é o do negro como objeto sexual. A narração, que é feita por um alemão, apresenta a mulata sensual e carnalizada desejada sexualmente pelo estrangeiro do canto.

e) Nação Zumbi

O canto com três páginas e com várias interpelações atribuem a narração ritmo comum na oralidade. É iniciado com uma epígrafe isolada em uma página que define uma palavra: “zumbi. fantasma que vaga pela noite morta.”. O dicionário Aurélio define Zumbi como “Fantasma que vaga pela noite, segundo lenda afro-brasileira.”.

O narrador da prosa é um negro que tem o desejo de vender seu rim, com o objetivo de mudar de vida momentaneamente, sair da pobreza extrema, desabafa “[...] ia ganhar dez mil, ia ganhar.” O interlocutor expressa suas frustrações, expondo todas as limitações sociais que fora imposta em sua vida. Uma das limitações é a saúde “Cuidar da minha saúde ninguém

cuida”. O personagem fica encantado porque seria tratado com dignidade, algo que sua sociedade o negou, explana: “Dizem que é bonito o hospital de lá. Bom de se internar. De se recuperar.”. Outro ponto expressado pelo interlocutor é a aceitação, no qual em seu próprio país sente-se rejeitado, externando: “Abraçar outro negrão igual a mim, conversar noutra língua mesmo sem saber conversar” Assim, acredita que em outro país com pessoas negras seria aceito e tudo seria mais fácil. O sentimento de oprimido é relatado, isto é, a sociedade, além de julgar, impõe demasiadamente deveres e os direitos são imperceptíveis para o personagem, sobretudo, os direitos sociais previsto no artigo 6º da Constituição Federal, no qual um desses é alimentação, sobre isso o narrador expõe: “Se não fosse eu mesmo me alimentar. Arranjar batata e caruá, pirão de caranguejo.” Dialogando sobre a dificuldade que é para conquistar a alimentação para a sua subsistência, indigna-se com a proibição que lhe é imposta, quando na sociedade há tantos outros casos mais urgentes a serem solucionados. Inquieto explana:

Por que vocês não se preocupam com os meninos aí, soltos na rua? Tanta criança morta e inteirinha, desperdiçada em tudo que é esquina. Tanta córnea e tanta espinha. Por que não se aproveita nada no Brasil, ora bosta? Viu? Aqui se mata mais que na Etiópia, à míngua. Meu rim ia salvar uma vida, não ia salvar? Diz, não ia salvar? Perdi dez mil, e agora? (FREIRE, 2005, p.55)

A proibição da venda de seu rim é interpretada pelo narrador como invejava, uma vez que a sociedade impede todas as formas de ascensão social do negro. Uma oportunidade real para um negro alavancar-se socialmente, custando apenas o seu rim, é motivo para o sistema frustrar o sonho de vender o seu próprio órgão, pois não seria justo para o sistema excludente que deixasse essa situação. Acontecimento que em sua percepção é irrelevante quando há crianças excluídas e sem apoios nas ruas que poderiam produzir socialmente. “A policia em minha porta, vindo pra cima de mim. Puta que pariu, que sufoco! De inveja, sei que vão encher meu pobre rim de soco.”. Assim, o narrador tem o seu sonho contrariado e é impedido de sonhar novamente, pois o seu rim foi danificado pelos policiais, não sendo mais comerciável. Findando sua única esperança em mudar de vida, mesmo que temporariamente.

Na epígrafe iniciada neste canto, é expressa a ideia de uma nação fantasma vagando por uma noite morta. A sociedade exclui socialmente o negro das telenovelas, dos cargos gerenciais e executivos nas empresas e das vagas nos cursos de medicina. São personagens frequentes em jornais policiais, presídios, favelas, subempregos e em escolas de samba. Desta forma, os estereótipos preconceituosos que persistem em existir são reforçados nos discursos

sociais e midiáticos. O negro não é visto, a não ser quando é cantor ou futebolista, não passando de um fantasma social, marginalizado pela histórica desigualdade social persistente.

Neste canto é perceptível e narrada a angústia de um negro que sonha em escapar momentaneamente da miséria e de realizar seus simples sonhos, sentimento inerente a qualquer ser humano, porém oprimido por uma desigualdade histórica, limitando o negro a objeto, que não é digno de sonhos ou desejos.

f) Nossa Rainha

Esse canto o narrador é desconhecido e distante da situação, está em terceira pessoa. A temática abordada é sobre o desejo de embranquecimento do negro. A narrativa expõe o anseio da filha de uma mulher pobre, que vive da ajuda de outras pessoas, em se tornar Xuxa, apresentadora e atriz brasileira dos anos 90, uma criação midiática que expressa uma linda mulher branca, amada em todas as classes sociais pelas jovens, prestigiada socialmente e modelo de mulher perfeita. Desta forma, esta estratégia de marketing da mídia brasileira reforçou o preconceito racial no Brasil. Neste contexto a personagem do canto sofre um dilema, de um lado reconhece as limitações físicas de sua filha: “A menina parecia uma lombriga. Porque nasceu desmilinguida”. Do outro lado as limitações financeiras: “[...] ia fazer um book, como? Viu no jornal quanto custa. [...] Essa danada da Xuxa. Dou uma surra nela para ela tomar jeito. Fazer isso com filha de pobre. Que horror!”. Consciente a mãe sofre com impossibilidade de realização do sonho: “Diz pra ela sonhar com outra coisa, sonhar com os pés no chão”. Pelo fato da “Rainha dos Baixinhos”, atribuição designada a Xuxa, ser branca a mãe expressa o desejo de a filha ser: “Rainha da Bateria”. Uma vez que nas escolas de samba a maioria das rainhas de bateria é negra, possibilidade que mãe enxerga com maior acessibilidade.

Além da filha que gosta e acompanha todos os lançamentos da Xuxa, filmes, bonecas e programas, a mãe também sonha com um artista, Padre Marcelo Rossi, que é branco. O padre faz aparições na televisão, lança CDs com músicas cantando e publica livros. Por não conseguir acompanhar este ritmo frenético da Xuxa e do Padre, a mãe deixa apenas a filha aspirar com a artista. A mãe tem mais acesso físico, financeiro e real ao pai de santo do que ao famoso sacerdote. Físico porque ele é do morro e mais acessível, financeiro porque só pede umas velas e algumas oferendas. Vê-se a seguir este desenvolvimento narrativo.

Quem não pode se acode.

A mãe já vivia da ajuda do povo. Mas tinha de levar a menina ao cinema. Toda vez que aparecia um filme novo. O que Xuxa está pensando? O que Padre Marcelo está pensando? Que tanto disco à venda, que tanto boneco, que tanta prece! Tenha santa paciência.

O Padre Marcelo a mãe trocou por um pai-de-santo. Esse, pelo menos, só me pede umas velas. De quando em quando, uma galinha preta. Que eu aproveito e levo daqui, quando tem réveillon. Despacho de rico só tem o que é bom. Mas a menina não tem jeito. É uma paixão que não tem descanso.

Eu quero ser Xuxa. Eu quero ser Xuxa. Eu quero ser Xuxa. Um dia eu esfolo essa condenada. Deus me perdoe. Essa danada da Xuxa. Dou uma surra nela para ela tomar jeito. Fazer isso com filha de pobre. Que horror! (FREIRE, 2005, p.73-74)

Percebe-se que a família é contagiada pela branquidade da sociedade, uma vez que a filha tem anseios pela artista Xuxa e a mãe tem pelo famoso padre. A genitora mesmo esbravejando contra o sonho da filha, a incentiva: “Se a Xuxa que eu conheço aqui é só você”, percebe-se que a mãe não abandonou o sonho definitivamente, mesmo trocando o padre pelo pai de santo. O amor pela filha e o tímido desejo da branquidade faz com que ela não tenha coragem de pedir a filha para desistir do sonho e pretende passar a responsabilidade para a Xuxa no momento em que ela visitou a comunidade, dizendo: “Pelo amor de Deus! Faz essa menina calar a boca. Diz pra ela pensar em outra coisa, sonhar com os pés no chão.”.

As observações de Frankenberg (2004) acerca da branquidade elucidam o tema abordado no canto “*Nossa Rainha*”, define:

1. A branquidade é um lugar de vantagem estrutural nas sociedades estruturadas na dominação racial;
2. A branquidade é um ‘ponto de vista’, um lugar a partir do qual nos vemos e vemos os outros e as ordens nacionais e globais; [...];
4. A branquidade é comumente redenominada ou deslocada dentro das denominações étnicas ou de classe; [...];
6. Como lugar de privilégio, a branquidade não é absoluta, mas atravessada por uma gama de outros eixos de privilégio e subordinação relativos; estes não apagam nem tornam irrelevante o privilégio racial, mas o modulam ou modificam;
7. A branquidade é produto da história e é uma categoria relacional. Como outras localizações raciais, não tem significado intrínseco, mas apenas socialmente construídos. Nessas condições, os significados da branquidade tem camadas complexas e variam localmente e entre os locais; além disso, seus significados podem parecer simultaneamente maleáveis e inflexíveis (FRANKENBERG, 2004, p. 312 – 313).

A narração é desenvolvida abordando as influências e a valorização social pela branquidade na sociedade atual, reforçando a exclusão social histórica e o preconceito enraizado no imaginário coletivo.

g) Meu Negro de Estimação

O último canto da análise é como os demais, curto, expressivo e com rimas, que confere ao canto ritmo: “Meu homem não tem para ninguém, só para mim. Meu homem se chama Benjamim.”.

Ao utilizar pronome possessivo masculino, *seu*, no último parágrafo, o narrador revela que é do sexo masculino, percebido na frase: “Meu homem diz que eu serei seu escravo a vida inteira”. Todos os parágrafos da prosa existem o pronome possessivo “meu” junto ao substantivo “homem”. Sendo assim, percebe-se um sentimento de posse no discurso, bem como a visão do ser humano objeto, que pode ser admirado em uma prateleira: “Meu homem não tem pra ninguém, só pra mim.”. A visão de que o ser humano é um animal que pode ser domesticado: “Meu Negro de Estimação”. Vê-se um ser humano que não tem desejo ou sonhos, vivendo em função dos anseios do seu senhor: “Meu homem me obedece e me respeita”. É exposta uma relação de servidão: “Meu homem leva jeito para ser modelo. Mas eu não deixo. [...] Coloco, assim, cabresto.”. É perceptível nesta parte e em outras da narração, o estereótipo preconceituoso de negro como objeto de desejo sexual: “Meu homem me obedece e me respeita. Por incrível que pareça, mesmo quando me põe de quatro, me machuca, me prende à vara da cama. Quando me chicoteia. Meu homem diz que eu serei escravo a vida inteira.”.

O narrador afirma que: “Meu homem agora é um homem melhor”. Isso é devido ao fato do homem morar nos Jardins, bairro nobre de São Paulo, antes morava em uma região pobre e violenta. Não trabalhar mais, antes trabalhava com graxa. Ter um carro. Viajar. Conhecer vários tipos de comida, entender de vinho e saber dançar valsa, desinteressando o samba, futebol ou feijoada. Para o narrador esse novo estilo de vida em comparação ao antigo o tornaram um homem perfeito e atraente, uma vez que deixou a marginalidade e a exclusão social. A seguir é exposto fragmento da narração.

Meu homem agora é um homem melhor. Mora nos jardins, veste e calça. Causa inveja por onde passa. Meu homem não tem para ninguém, só para mim. Meu homem se chama Benjamim.

Meu homem não trabalha. Não precisa mais se sujar de borracha. Meu homem não fede a graxa. Meu homem agora dirige. Quando não pode, tem quem faça. Meu homem leva sol na piscina. Meu homem viaja. Meu homem é uma bela companhia. Se não entende de poesia, não fala. Quando o assunto é política, sai da sala.

Meu homem conhece o mundo inteiro. Meu homem mudou de ares, trocou de cheiro. Entende de comida. Sabe escolher o vinho à mesa. Dança que é uma beleza. Meu homem valsa. (FREIRE, 2005, p.101)

Na cultura escravagista o escravo perfeito seria o que não tentasse fugir, obedecesse a ordens, tivesse cultura e fosse fisicamente lindo, perfeito nos traços corporais, bem como a perfeição dentária. Assim, o escravo seria objeto para momentos de luxo e prazer. Essas observações são identificadas no título e na sequência da narrativa.

Assim sendo, ficam analisados os contos que há personagens negros na obra de Marcelino Freire, *Contos Negreiros*. Observando as influências dos estereótipos preconceituosos para com os negros, contidos nos discursos dos interlocutores em sete narrativas da produção do autor pernambucano.

Neste contexto se analisará as principais contribuições sociais e questionamentos raciais para a literatura brasileira contemporânea, inseridos nos setes cantos da obra, *Cantos Negreiros*.

3.2 Principais contribuições sociais e questionamentos raciais contidos na obra “*Contos Negreiros*”

Percebem-se na literatura brasileira contemporânea obras que manifestam as aspirações e lamurias de pessoas comuns, mas que marginalizados, moradores de bairros pobres, sobretudo, comunidades carentes. Assim, a malandragem do personagem tratadas em obras de outrora, agora dão espaço a pessoas pobres e sem voz nas obras dos autores surgidos nos anos 90. Sucessos como *Cidade de Deus* (1997), de Paulo Lins, expõe a rotina de um pobre jovem morador da favela almejando ser fotógrafo, tendo que conviver com a violência e os preconceitos raciais. Em *Capão pecado* (2000), de Ferréz, retrata um jovem morador da periferia de São Paulo, Capão Redondo, luta para realizar seu sonho de ser escritor, porém o personagem vive exposto à violência do bairro e aos preconceitos. Em outro gênero artístico, música, o grupo de *rap* conhecido como *Racionais MC's*, retrata os marginalizados e os preconceitos raciais em suas letras.

Deste modo, percebe-se que Marcelino Freire não está sozinho ao retratar os marginalizados em sua produção artística, na árdua tarefa conscientizar a sociedade que os problemas raciais e a marginalização ainda persistem no país. A realidade contida nestas comunidades é representada com fidelidade nas produções artística, expondo as angústias, frustrações e violência que os moradores convivem na rotina. Desta forma, Dalcastagné (2003, p. 24), afirma:

Nossas cidades literárias são feitas, na verdade, de ausências: mulheres, pobres, cegos, portadores de deficiências físicas e mentais, velhos, crianças, estão todos de algum modo excluídos das ruas e contornos urbanos que se delineiam nos textos contemporâneos. Neste sentido, temos um pálido retrato da vida fervilhante, desconfortável e violenta de nossas cidades – por onde as mulheres circulam com suas sacolas, suas pastas e seus bebês, (...), por onde os pobres tem de passar, nem que seja só para chegar até o trabalho. (DALCASTAGNÉ, 2003, p. 24).

Sendo assim, fica evidenciada a importância da característica de Marcelino Freire para a literatura contemporânea brasileira.

Neste contexto, as principais contribuições sociais do personagem negro da obra de Marcelino Freire, *Contos Negreiros*, para a literatura brasileira contemporânea, são:

a) Subsidio para debate social.

A obra é mais um recurso para fomentar o debate acerca dos problemas sociais incrustada na sociedade brasileira, servindo de subsidio para discussões em escolas, universidades, movimentos sociais e eventos literários.

b) Reflexões acerca da exclusão racial histórica no Brasil.

A produção do autor pernambucano propõe um autoconhecimento nacional sobre os persistentes estereótipos preconceituosos que fora desenvolvido há séculos no Brasil.

c) Conscientização da persistente exclusão racial no Brasil.

As narrativas expressas na obra retrata as angústias, frustrações e exclusões sociais vivenciadas pelo negro pobre na contemporaneidade. Convivendo com a exclusão social herdada dos negros escravos que foram abolidos no Brasil. Exemplificando que essa exclusão social contemporânea é reflexo da marginalização pós-abolição.

d) Fidelidade de representação da realidade dos moradores de periferias.

Os textos são coerentes com a realidade marginalizada vivenciada pelos personagens das obras. Ambiente com disputa entre grupos de criminosos e a ausência do apoio estatal.

e) Voz aos marginalizados.

Os anseios, angústias e frustrações de pessoas comuns são retratados nas narrações dando voz a pessoas comuns. De acordo com Karl Erik Schollhamer: “Freire procura as vozes sem voz, os murmúrios marginais que não se transformam em linguagem, reprimidos, mas também rudes e vingativos que se entranham nas ruas, no chão queimado do Nordeste e nos infernos vários do Brasil.” (2009, p.68).

f) Discussões sobre negritude e branquitude

Propondo reflexões sobre os estereótipos preconceituosos raciais e a branquitude existente, o autor proporciona autoconhecimento e diálogos sobre a negritude brasileira.

Destarte, ficam evidenciadas as principais contribuições sociais do personagem negro na obra “*Cantos Negreiros*” de Marcelino Freire para a literatura brasileira contemporânea. Os questionamentos raciais evidenciados na obra de Marcelino Freire em questão são: a exclusão social que confere ao negro os subempregos, desenvolvida no canto “*Trabalhadores do Brasil*”; o negro tratado como violento e perigoso, evidenciado em “*Solar dos Príncipes*”; o negro como desumano, apresentado na narrativa “*Esquece*”; o negro como objeto sexual, visto nos cantos “*Alemães vão à Guerra*” e “*Meu Negro de Estimação*”; o negro impedido de sonhar com melhoras, visto no canto “*Nação Zumbi*”; o branco como racialmente superior, apresentado em “*Nossa Rainha*”.

Sendo assim, é possível observar a importância das narrativas contidas na obra *Cantos Negreiros* para a sociedade brasileira contemporânea e para o debate sobre a marginalização social existente.

CONSIDERAÇÕES

Percebe-se a importância de debater a temática racista no Brasil, uma vez que os estereótipos preconceituosos contra o negro continuam no diálogo da sociedade, seja em discursos midiáticos, por meios de programas televisivos, marginalizando-os em novelas e filmes, seja em plataformas virtuais ou imperceptivelmente no discurso do cidadão comum. Fato é que essa exclusão social desenvolvida há séculos anteriores no país persiste na sociedade atual. Ficando evidenciada a necessidade de conscientizar, esclarecer e narrar os fatos históricos com precisão sobre as mazelas sofridas pelo negro no país.

A literatura brasileira contemporânea tem papel primordial na denúncia de assuntos socialmente problemáticos, difundindo a abordagem da temática em escolas, universidades, teatro, cinema e congressos e em meios midiáticos, programas e documentários, mantendo o assunto em pauta para uma maior compreensão social.

Desta forma, a obra de Marcelino Freire, *Contos Negreiros*, contribui socialmente destacando que o preconceito racial, sobretudo contra o negro pobre e morador de comunidades carentes, continua atual e necessária a sua abordagem na literatura brasileira contemporânea.

Assim, os objetivos específicos propostos nesta monografia foram concluídos, uma vez que fora demonstrado o perfil literário de Marcelino Freire, bem como verificado o discurso do personagem negro na obra '*Contos Negreiros*', tal como a visualização das contribuições sociais de Marcelino Freire para a literatura brasileira contemporânea.

Esta monografia foi desenvolvida para responder a seguinte questão: quais as principais contribuições sociais e questionamentos raciais do personagem negro na obra *Contos Negreiros*? A obra da literatura brasileira contemporânea, *Contos Negreiros*, de autoria do escritor pernambucano Marcelino Freire, trabalha com aspectos estilísticos próprios de oralidade, sucinto e cantando, com rimas e ritmos marcantes na narração curta dos cantos. O autor relata que sua obra é uma prosa poética. Propositamente semelhante às cantorias e literatura de cordel do sertão pernambucano. Destarte, percebem-se as principais contribuições literárias do autor. Apesar das curtas narrações dos cantos, alguns com duas páginas apenas, a mensagem desenvolvida nessas laudas são claras e incisivas, apresentando as angústias, as frustrações e anseios dos marginalizados socialmente, negros e moradores de comunidades carentes. Assim sendo, percebe-se que as principais contribuições sociais do personagem negro na obra de Marcelino Freire, *Contos Negreiros*, para a literatura brasileira

contemporânea, são: subsídio para debate social; reflexões acerca da exclusão racial histórica no Brasil; conscientização da persistente exclusão racial no Brasil; fidelidade de representação da realidade dos moradores de periferias; voz aos marginalizados; discussões sobre negritude e *branquitude*.

A literatura está sempre evoluindo e desenvolvendo novas formas de entreter e conscientizar o leitor de uma sociedade. É preciso que as discussões literárias sobre os preconceitos raciais estejam, primordialmente, nos debates de escolas primárias, formando e conscientizando as futuras gerações, objetivando justiça social e o fim da marginalização do negro na sociedade brasileira. É fundamental desenvolver nas universidades e nos diversos meios de comunicação, expressões artísticas e movimentos sociais a conscientização sobre a importância do negro para a evolução do país, bem como as injustiças históricas e atuais sofridas pelo negro na sociedade brasileira, ou seja, a solução é o diálogo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGÊNCIA IBGE NOTÍCIAS. Disponível em:
<<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/18282-pnad-c-moradores.html>>. Acesso em: 28 mar. 2018.
- ALVESVINI. **Cordel do Fogo Encantado: Trabalhadores do Brasil**. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=7eJPB2Fb-Kk>>. Acesso em: 16 mar. 2018.
- ANTUNES, Arnaldo. **Inclassificáveis**. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/arnaldo-antunes/91636/>>. Acesso em: 17 fev. 2018.
- ASSIS, Machado de. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Ática, 1992.
- BALADA LITERÁRIA. Disponível em: <<http://baladaliteraria.com.br/>>. Acesso em: 07 mar. 2018.
- BALDAN, Maria de Lourdes Ortiz Gandini de. Ipotesi, Juiz de Fora, v.15, n.2 - Especial, p. 71-80, jul./dez. 2011.
- BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ. Disponível em:
<<http://www.candido.bpp.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=360>>. Acesso em: 8 mar. 2018.
- BROOKSHAW, David. **Raça e cor na literatura brasileira**. Trad. Marta Kirst. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983. p. 161-164.
- CANDIDO, Antônio. A nova narrativa. In: CANDIDO, Antônio. **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1987.
- CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português: linguagens**. Volume Único. São Palo: Atual, 2003.
- BARRETO, Lima. **Clara dos Anjos**. Editora Mérito, 1948.
- CORREIO DO POVO. Disponível em:
<<http://correiodopovo.com.br/ArteAgenda/Variedades/Cultura/2015/9/566524/Projeto-Quebras-percorre-15-capitais-para-descobrir-escritores>>. Acesso em: 08 mar. 2018.
- DALCASTAGNÉ, Regina. **Sombras da cidade**. Revista Ipotesi n.7, v.2. Juiz de Fora, 2003.
- _____. **Um território contestado: literatura brasileira contemporânea e as novas vozes sociais**. Disponível em: <<http://iberical.paris-sorbonne.fr/02-02/>>. Acesso em: 09 mar. 2018.
- DUARTE, Eduardo de Assis. **PUCRS Journals Portal: O Negro na Literatura Brasileira**. Rio Grande do Sul, Navegações, v.6, n.2, p. 146-153, jul./dez. 2013.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Literatura afro-brasileira**: um conceito em construção. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, nº. 31. Brasília, janeiro-junho de 2008, pp. 11-23.

DUARTE, Igor. Escritor branco, discurso negro: as vozes negras e periféricas presentes em “Contos Negreiros”, de Marcelino Freire. **Mafuá**, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, n. 28, 2017.

EBIOGRAFIA. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/marcelino_freire/>. Acesso em: 03 mar. 2018.

ENTRE O CLARO E O OBSCURO. Disponível em: <<http://doceobscuridade.blogspot.com.br/2011/11/uepb-2012-contos-negreiros.html>>. Acesso em: 09 mar. 2018.

FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto de. **Português**: Série Brasil. 1. Ed. São Paulo: Ática, 2004.

FERNANDES, Florestan; PEREIRA, João Baptista Borges; NOGUEIRA, Oracy. **Revista USP**: A Questão Racial Brasileira Vista Por Três Professores. São Paulo, n.68, p. 168-179, dez./fev. 2005-2006.

FILHO, Domício Proença. **Estudos Avançados**: A trajetória do negro na literatura brasileira. V. 18, n. 50, 2004.

FIORUSSI, André. In: Antônio de Alcântara Machado *et al.* De conto em conto. São Paulo; Ática, 2003. p.103.

FOLHA DE SÃO PAULO. Feira do Livro de Frankfurt 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2013/10/1353517-escritor-luiz-ruffato-diz-em-frankfurt-que-brasil-e-pais-da-impunidade-e-intolerancia.shtml>>. Acesso em: 09 mar. 2018.

FREIRE, Marcelino. **Contos Negreiros**. Rio de Janeiro: Record. 2005.

DIAS, Antônio Gonçalves. **Poemas de Gonçalves Dias**. São Paulo: Cultrix, 1968.

História do Brasil. Net: Leis Abolicionistas no Brasil. Disponível em: <https://www.historiadobrasil.net/brasil_monarquia/leis_abolicionistas.htm>. Acesso em: 01 mar. 2018.

INFOPÉDIA. Disponível em: <<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/lundum>>. Acesso em: 29 mar. 2018.

JESUS, Camila Moreira de. **Branquitude x Branquidade**: uma análise conceitual do ser branco. III Encontro Baiano de Estudos em Cultura (Ebecult). Bahia: 2012.

LIMA, Francesco Jordani Rodrigues de. **Cantos e cantares em Contos negreiros, de Marcelino Freire**. VIA ATLÂNTICA, Nº 12, dez/2007.

LINS, Paulo. **Cidade de Deus**: romance. 2ª ed. São Paulo: Companhia da Letras, 2002.

LITERAFRO: o portal da literatura afro-brasileira. Disponível em:
<<http://www.letras.ufmg.br/literafro/>>. Acesso em: 12 jan. 2018.

LIVRE OPINIÃO. Disponível em: <<https://livreopinioao.com/2014/04/17/marcelino-freire-a-literatura-que-eu-escolhi-fazer-ja-tem-me-levado-a-lugares-aonde-eu-nem-imaginava-estar/>>. Acesso em: 09 mar. 2018.

MAINGUENEAU, Dominique. **O contexto da obra literária**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MARCELINO FREIRE: OSSOS DO OFÍDIO. Disponível em:
<<https://marcelinofreire.wordpress.com/marcelino-freire/>>. Acesso em: 01 mar. 2018.

MATOS, Gregório de. **POEMAS ESCOLHIDOS**, sel., introd. e notas de José Miguel Wisnik, São Paulo, Cultrix, 1976, p. 37.

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. São Paulo: Cadernos do Mundo Inteiro, 2017.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro**. 2. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SCHOLLHAMER, Erik. **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

SOUSA, Cruz e, 1861-1898. **Obra completa**: poesia / João da Cruz e Sousa; organização e estudo por Lauro Junkes. – Jaraguá do Sul: Avenida; 2008. v. 1 (612 p.)

SOUZA, Sérgio Alberto de; PAVÃO, Suzana Rodrigues. **Literatura brasileira**: 2º grau. 1. Ed. São Paulo: Moderna, 1977.

TIRO DE LETRA: Mistérios da criação literária. Disponível em:
<<http://www.tirodeletra.com.br/entrevistas/MarcelinoFreire.htm>>. Acesso em: 06 mar. 2018.

TVBRASIL. Disponível em: <<http://tvbrasil.ebc.com.br/estacao-plural/2017/08/eu-escrevo-para-me-vingar-revela-marcelino-freire>>. Acesso em: 07 mar. 2018.

UOL ECONOMIA. **Negros representam 54% da população do país, mas são só 17% dos mais ricos**. Disponível em:
<<https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2015/12/04/negros-representam-54-da-populacao-do-pais-mas-sao-so-17-dos-mais-ricos.htm>>. Acesso em: 18 mar. 2018.

VACATUSSA. Disponível em: <<http://www.vacatussa.com/entrevista-marcelino-freire/>>. Acesso em: 08 mar. 2018.